

RELAÇÕES INTERAFRICANAS: SENEGAL E OS DESAFIOS DA INTEGRAÇÃO REGIONAL

INTERAFRICAN RELATIONS: SENEGAL AND THE CHALLENGES OF REGIONAL INTEGRATION

Mamadou Alpha Diallo¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a importância e os desafios da integração regional oeste africana para o Estado do Senegal. Nesta ótica, buscou-se na introdução traçar um panorama geral dos processos de aproximação dos países oeste africanos, destacando a importância de tal projeto tanto para grandes países aspirantes a uma liderança regional como é o caso da Nigéria, quanto para pequenos países como Senegal. A segunda parte do texto analisou a postura senegalesa em relação à integração regional e conclui que independentemente do presidente ou partido político governante, a integração africana ocupou e ocupa sempre uma posição de destaque na política externa do país, no entanto, o pertencimento a mais de uma organização regional limita a efetivação dos projetos de integração. Por isso, a terceira e última parte do texto objetivou analisar a CEDEAO no intuito de mostrar que ela deveria ser o fio condutor da integração regional e onde organizações como UEMOA, ZMAO, OMVG e MOVIS funcionariam como instrumentos técnicos de desenvolvimento da região.

PALAVRAS CHAVES

Senegal; Integração Regional; CEDEAO; África Ocidental.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the importance and challenges of regional integration for the West African State of Senegal. In this perspective, the introduction sought to draw and overview of process of rapprochement between the West African countries, highlighting the importance of such a large project for both countries aspiring to regional leadership as is the case of Nigeria, and for small countries like Senegal. The second section examined the Senegalese posture in relation to regional integration and concludes that regardless of the president or political party ruling African integration has always occupied and occupies a prominent position in foreign policy, however, belonging to more than a

¹ Possui graduação em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) (2008) e Mestrado em Ciência Política pela UFRGS (2011). Atualmente, é doutorando do programa de Estudos Estratégicos Internacionais da UFRGS e pesquisador do Núcleo de Estratégia e Relações internacionais (NERINT-UFRGS), do Centro Brasileiro de Estudos Africanos (CEBRAFICA-UFRGS) e do Instituto Sul Americano de Política e Estratégia (ISAPE). E-mail: mmalpha2004@yahoo.fr

regional organization limits the effectiveness of integration projects. Therefore, the third and final part of the text, aimed to analyze the ECOWAS in order to show that she should be fil driver of regional integration and where organizations such as UEMOA, WAMZ, OMVG, MOVS as instruments and technical development of the region.

KEYWORDS

Senegal; Regional Integration; ECOWAS; West Africa.

Introdução

Nous demandons, ici et maintenant, d'instaurer les Etats-Unis d'Afrique, seule solution pour libérer nos peuples et [...] faire de l'Afrique un grand ensemble culturel, économique, politique et social qui sera respecté Wade(2010).

Antiga capital da África ocidental durante a colonização, Senegal tem buscado, desde o início do processo da independência do continente africano, a consolidação da região como uma unidade integrada política, econômica, social e culturalmente, entendendo que a integração regional na África é uma das vias da inserção do continente no mundo globalizado. Apesar de ser iniciada há cerca de quatro décadas, a integração regional ainda não encontrou caminhos ou lideranças capazes de transformar esse sonho pan-africanista em realidade, ainda que um avanço considerável tenha sido registrado nos últimos tempos.

A criação da União Africana, do NEPAD em nível continental, o fortalecimento da CEDEAO e da UEMOA na África ocidental são alguns exemplos que mostram a retomada dos processos de integração regional, fruto do comprometimento e engajamento de grandes países que buscam posições de liderança continental e regional como África do Sul e Nigéria, mas também de pequenos países como o Senegal. Assim, este artigo se propõe a analisar e apresentar os desafios da integração regional senegalesa. Para tanto, a reflexão se estrutura em quatro partes incluindo esta introdução, uma segunda parte acerca do Senegal e os desafios da integração; a terceira parte, na qual esboça-se uma análise da CEDEAO como organização ideal para o sucesso da unidade regional e, finalmente, as considerações finais.

Integração regional: os desafios do Senegal

O Senegal está inserido na África, continente caracterizado por suas riquezas em recursos naturais e humanos, sendo que a agricultura constitui o setor econômico predominante, empregando conforme dados da Organização das Nações Unidas para agricultura e alimentação (FAO, 2010), sessenta por

cento (60%) da população estimada em 1,10 milhões de pessoas. O crescimento econômico do continente nos últimos anos tem sido, de forma geral, superior a cinco (5%) por cento até 2008 devido ao aumento das exportações que geraram, no caso da África subsaariana, um crescimento de cinco e meio (5,5%) por cento. Segundo a FAO (2010), a partir de 2000, a agricultura dos países da África negra teve um crescimento anual de 3,5% que, em comparação à taxa anual de crescimento populacional, revela-se altamente superior. No entanto, isso não foi suficiente para atingir as metas de redução da pobreza que prevalece como um desafio importante para o continente. Da mesma forma, o Senegal registrou um crescimento econômico, variando entre três e cinco por cento ao ano nos últimos dez anos, mas o bem estar da sociedade continuou caindo, gerando uma onda de migração e de crises sociopolíticas preocupantes, que vão da crise de Casamance ao aumento das tensões fronteiriças com os vizinhos, como Gâmbia, Guiné Bissau e Mauritânia. Diante dessa situação, Senegal, que tem como valor simbólico inscrito na sua bandeira a abertura² em direção aos povos dos cinco continentes do mundo, vê-se contrariado pelos acontecimentos e logo obrigado a dar mais valor ao multilateralismo, pelo menos no plano continental e regional.

Nesse sentido, a integração regional tem ocupado um lugar de destaque na política externa do país, devido principalmente à configuração de suas fronteiras, que tem o enclave da Gâmbia dentro do espaço territorial do Senegal. A integração, além de uma necessidade econômica, constitui de fato uma questão de segurança para o Estado do Senegal, por isso a priorização e a participação efetiva do país nas organizações regionais e internacionais. Assim, depois das experiências adquiridas na Federação do Mali (1959-1960) e na confederação da Senegâmbia (1982-1989), Senegal é atualmente, membro da União Africana (UA), da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), da União Monetária Oeste Africano (UEMOA), da Nova Parceria para o Desenvolvimento da África (NEPAD), além das respectivas Organizações para a valorização dos rios Senegal e Gâmbia (OMVS e OMVG). Como se percebe, não falta organização com o objetivo de buscar a integração regional. Segundo o ex-presidente do Senegal, Abdou Diouf (2006), depois das independências, registrou-se na África uma burocracia continental de eficácia reduzida e a marginalização do continente na década de 1990 levou à criação de novas lógicas de relacionamento e de cooperação intra-africana.

2 A estrela estampada no meio da bandeira do Senegal simboliza a abertura do país nos cinco continentes do mundo. As cores da bandeira do Senegal são como as da maioria dos países africanos, Verde que simboliza a natureza, amarelo, materializando as riquezas do sol e do subsolo e o vermelho que lembra o sangue derramado para a pátria.

Nessa nova lógica de integração africana como nas antigas, Senegal sempre teve uma participação ativa e um interesse particular a defender, devido ao papel histórico de capital regional exercido durante a colonização, que favoreceu um amadurecimento sociopolítico das suas elites que, desde já, tiveram a consciência da importância da integração regional para o desenvolvimento socioeconômico, político e cultural da África. Assim, se Leopold Sedar Senghor foi um dos defensores do pan-africanismo, cofundador da federação do Mali, seu sucessor, Abdou Diouf será o principal ator da confederação da Senegâmbia, da União Econômica e Monetária da África Ocidental (UEMOA), além da criação da Organização para a valorização do rio Senegal (OMVS), que agrupa a Mauritânia, Senegal e Mali e a organização pela valorização do rio Gâmbia (OMVG).

Estas duas organizações regionais especializadas, que podem ser caracterizadas como agências multilaterais, permitiram a gestão em comum das águas desses rios, evitando o surgimento de conflito nessas zonas (DIOUF, 2006: 787). O penúltimo presidente do Senegal, Abdoulaye Wade, é um dos idealizadores do NEPAD ao lado de Tabo Mbecky, da África do Sul, e do ex-presidente da Nigéria, Olesegun Obasanjo. Aliás, a eleição de Wade na presidência da República do Senegal no segundo turno das eleições de 2000, reativou não somente a esperança do povo senegalês, mas também do povo africano em geral devido principalmente, a sua dedicação política e intelectual pela causa africana, bem como seu conhecimento sobre o funcionamento das instituições e do povo africano. A respeito desta personagem, Momar Coumba Diop e Mamadou Diouf, dois cientistas políticos senegaleses escrevem:

Em fevereiro de 2000, por suas inovações, sua postura e sua tenacidade moral e física, bem como sua capacidade de encenação, de humor corrosivo, Abdoulaye Wade provou mais uma vez que ele era o último homem político africano capaz de provocar tanto entusiasmo ou/e o último grande demagogo africano dependendo da imagem que se constrói (Diop, Diouf, 2002, p. 138)³.

Este texto mostra o porquê do entusiasmo e da esperança levantada pela vitória do FAL para a população senegalesa e africana em geral onde ele sempre atuou política e intelectualmente. No plano político, pode-se lembrar, a título de exemplo, que Wade ocupou os cargos de presidente do grupo de consultores do Banco Africano de desenvolvimento (BAD), da organização da unidade africana (OUA), de secretário geral da federação dos Estudantes da África negra na França

3 Tradução própria do francês: En février 2000, par ses innovations, son accoutrement, sa tenacité moral et physique, son sens de la mise en scène et l'humour corrosif avec lequel il décrivait Abdou Diouf, Abdoulaye Wade a administré la preuve, une fois de plus, qu'il était le dernier des grands hommes politiques africains capables de déclencher de tels enthousiasmes. Le dernier grand tribun ou demagogue africain, selon l'image que l'on se construit (DIOUF, DIOUF, 2002, P.138).

(FEANF) e foi militante ativo do pan-africanismo desde 1958, quando foi se juntar em Londres ao circo dos pan-africanistas das colônias inglesas. Além disso, fundou e dirigiu o Partido Democrático Senegalês (PDS) desde 1974, destacando como um dos objetivos do partido, a realização dos Estados Unidos da África como mostra as linhas a seguir:

Après donc une éclipse politique ⁴de dix ans, de 1963 à 1973, je créai, en 1974, un parti d'opposition au Sénégal, le Parti Démocratique Sénégalais, PDS, qui, a inscrit dans son programme, l'objectif des États Unis d'Afrique, confirmé par le congrés de jeunes du parti en 1985 (WADE, 2005, P. 15).

No plano intelectual, destaca-se a contribuição de Wade na criação do NEPAD e o livro “Um destino para a África”, publicado em 2005, onde o autor faz um diagnóstico detalhado dos males que sofre o continente, mostrando os principais desafios que são de três tipos conforme Wade: o desafio ecológico (luta contra a seca e a desertificação do continente, a promoção ou renascimento da agricultura etc.); desafios culturais (respeitar e valorizar a tradição), incorporando os elementos positivos da modernidade (promover uma educação de qualidade para a população do continente, particularmente para os jovens e o repatriamento dos intelectuais africanos espalhados no mundo) e, finalmente, um desafio econômico que consiste em criar condições que possam tirar a África da situação de precariedade e de pobreza extrema. Para Wade, independentemente dos males ou das dificuldades enfrentadas pelo continente africano, o futuro do continente negro é cheia de esperança, cuja realização somente se dará com a integração regional e a união dos países. Ou seja, apesar das dificuldades, do tamanho dos desafios e problemas a serem enfrentados, Wade afirma a sua convicção e o seu otimismo quanto ao futuro melhor não somente do Senegal, mas da África como um todo.

Certamente, os desafios da alternância democrática do Senegal de 2000 são enormes no plano nacional, regional e continental. Devido à personalidade de Wade e a sua capacidade de análise e de expressão, bem como seu conhecimento da política africana, o dirigente soube transmitir essa confiança ao povo, através de um discurso adaptado e compreensível à grande massa popular do Senegal. Também por frequentar os meios acadêmicos e políticos do continente, Wade tem se afirmado como uma das esperanças e referência da maioria dos jovens pan-africanistas do final do século XX e início do século XXI. No entanto, apesar

4 É importante lembrar que “*eclipse politique*” se refere aqui ao período do partido único instituído por Senghor depois da prisão do Mamadou Dia, presidente do conselho constitucional do Senegal entre 1960 e 1963. Nesse período, como mostramos no primeiro capítulo deste trabalho, a situação política senegalesa foi marcada pela busca pela construção do estado hegemônico do Senghor, no qual os partidos ou grupos de oposição eram obrigados se alinharem ao partido único, ou a desaparecerem.

dos grandes avanços do Senegal do ponto de vista de desenvolvimento⁵, no trato da gestão transparente da coisa pública, Wade e sua equipe não parecem ter mudado grande coisa, já que o nepotismo e a corrupção continuaram causando uma decepção generalizada na sociedade que, como resposta, votou massivamente (67% dos votos) contra Wade nas eleições de vinte e cinco de março de 2012, introduzindo Maky Sall como quarto presidente da república do Senegal independente.

Portanto, pode-se perceber que independentemente da personalidade do presidente da república do Senegal, a integração regional e continental sempre figuram nas prioridades da política externa do país devido, entre outros motivos, ao papel ou à aspiração ao papel de líder regional do Senegal e de seus dirigentes, mas também e, principalmente, às necessidades e à dependência do país tanto em termos econômicos, sociopolíticos quanto securitárias. Nessas condições, Senegal, devido a sua imagem de exemplo africano, tem o desafio de garantir a estabilidade social do país, por meio de um desenvolvimento equilibrado das regiões, criar condições de boas vizinhanças e de confiança com os países da região a fim de continuar exercendo seu papel de liderança na região. Ou seja, para postular em assumir funções e responsabilidades em nível regional, é imperativo primeiro resolver os problemas inerentes à estabilidade política, bem como às questões da educação, da saúde, de infraestruturas, sem as quais será difícil a realização de um projeto consensual da sociedade senegalesa.

No plano regional, a integração vem sendo tratada como prioridade, principalmente desde a criação da União Africana em 2002, que reconheceu entre outras prioridades do continente, a resolução dos conflitos e o desenvolvimento. No entanto, a existência de vários tipos de integração dentro da região constitui um elemento limitador dos sucessos dos mesmos. Segundo Diouf (2006), África é o continente do planeta que conta com maior número de organizações continentais, regionais, sub-regionais, setoriais e comerciais, conquanto ela seja a região onde os processos de integração e de regionalização são mais embrionários.

É nesta lógica que um relatório da UEMOA (2008) observa que uma das grandes dificuldades da integração para os países africanos é a escolha

5 Aqui me refiro à desenvolvimento, pensando na realização de infraestruturas (portos, aeroportos, rodovias, escolas e universidades, bem como a construção de vários prédios administrativos), que sem sombra de dúvida foram as grandes realizações de Wade tanto no plano nacional quanto regional. A título de ilustração, do ponto de vista educacional em 2000, segundo ANSAD (2010), Senegal tinha duas universidades públicas e cinco em 2009, o que favoreceu significativamente o acesso e a permanência da população ao ensino superior. A população (estudantil) acadêmica [nas] passou de vinte e sete (27) mil em 2000 para setenta e dois duzentos e sessenta (72260) em 2009. As universidades privadas passaram de trinta e uma em 2000, para cento e doze em 2009 e o número de estudantes nas mesmas passou de cinco para 23 mil no mesmo período. Para mais informação sobre dados e números do Senegal entre 2000 e 2010 consultar www.ansad.sn.

da comunidade ou da organização regional a qual se deve pertencer ou não. Portanto, podemos afirmar que um dos grandes desafios do Estado do Senegal é efetivamente fazer essa escolha. Senegal é um dos países da África que pertence a mais de uma organização de integração regional. Como já foi dito anteriormente, Senegal é membro da CEDEAO, da UEMOA, mas também da OMVG e da OMVS, além de ser membro da organização dos países francófonos, enquanto os vizinhos próximos do Senegal, se de um lado pertencem ao CEDEAO, por outro fazem parte de organizações de interesses opostos as quais o Senegal pertence.

Assim, se de um lado, por exemplo, Guiné Bissau é atualmente membro da CEDEAO e da UEMOA ao lado do Senegal, do outro, pertence à Comunidade de países de língua portuguesa (CPLP), que logicamente tem objetivos opostos aos dos francófonos. A Gâmbia por sua vez, é membro da CEDEAO, mas pretende fazer parte de outra zona monetária diferente da UEMOA, a ZMAO⁶ (Zona Monetária da África Ocidental), enquanto que a Mauritânia não faz parte de nenhuma dessas Organizações, mas é membro da Comunidade dos países islâmicos (Umma), juntamente com o Senegal, que aliás, foi o primeiro país não árabe a sediar a Conferência da Organização Islâmica (COI), em 2008.

Perante essa adesão dispersa do Senegal em várias organizações, pode-se afirmar que não há um efetivo espírito de integração, mas sim a perseguição de interesses particulares que nem sempre são compatíveis entre si. Portanto, fica evidente que, se Senegal, sobre o governo da alternância, pretende ser um dos líderes regionais na África ocidental, deverá operar certas escolhas quanto à integração regional, a fim de poder contribuir de forma eficaz na realização das organizações regionais e evitar conflitos tanto internos quanto externos.

Nessas condições, tanto o Senegal, quanto o resto dos países da África ocidental têm o desafio de evitar a reprodução da tão criticada fragmentação do continente em vários estados inviáveis econômica, política e socialmente, pois se observa nas organizações ou movimentos de integração regional que os mesmos fatores que conduziram ao fracasso da federação do Mali, e a configuração dos atuais estados na região estão presentes na integração regional.

Portanto, apesar dos resultados positivos das novas tentativas da integração regional e continental, que são visíveis no fortalecimento da CEDEAO, da reforma da OUA, e da criação do NEPAD, ainda é necessário estabelecer prioridades e harmonizar as políticas de integração. Isso significa, no entendimento deste trabalho, estabelecer um canal de comunicação viável entre as diferentes organizações ou estruturas de cunho regional ou sub-regional na

⁶ ZMAO é uma zona monetária criada em 2000, com o objetivo de lançar uma moeda única para os países membros que são: Gâmbia, Gana, República da Guiné, Nigéria e Serra Leoa, que são os países da CEDEAO que não fazem parte da UEMOA.

perspectiva de uniformizar e reduzir ao máximo o número de organizações. Ou, pelo menos, estabelecer um relacionamento hierárquico para evitar contradições nos objetivos e repetição nas práticas da integração da África ocidental, que é uma das cinco regiões⁷ do continente nas quais a União Africana pretende se apoiar para realizar a tão sonhado integração continental.

Em cada uma dessas regiões, a integração se articula em torno de polos dominantes ou de países líderes (Diouf, 2006), ou mais poderosos como é o caso da África do Sul na parte austral do continente, do Quênia na parte leste, e da Nigéria na África do Oeste, onde Senegal assume um segundo polo de estruturação, devido a sua estabilidade e política interna. Segundo Diouf, esse segundo polo poderia ser estruturado em torno da Costa de Marfim, se não fosse a crise política que enfrenta o país desde 2002. Ou seja, entre os quinze países que formam a CEDEAO, atualmente tirando a Nigéria, Senegal é o país mais importante, em torno do qual a integração regional pode ser articulada, desde que o mesmo resolva seus problemas de segurança interna principalmente ao que diz respeito ao conflito casamancês. Igualmente, como foi sublinhado anteriormente, o pertencimento do país a diferentes organizações regionais, como é o caso também da maioria dos países da região, é um dos grandes gargalos da integração regional na África ocidental e deve ser pensada uma estratégia de unificação, buscando maior eficácia dos mesmos.

No entanto, sabe-se que isso depende do engajamento e do comprometimento dos dirigentes em abrir mão das vantagens individuais em favor dos benefícios e dos interesses gerais dos estados, e das sociedades oeste africanas. Também não se pode excluir as preocupações políticas nos processos de cooperação, mas o ideal seria que as mesmas não façam obstáculos a lógicas mais promissoras no futuro. Para tanto, é importante que os países da África Ocidental busquem o fortalecimento da CEDEAO, como órgão principal da integração regional, já que ela é a que agrupa maior número de países na região, a qual buscará a unificação das outras organizações regionais ou sub-regionais, evitando a reprodução dos erros do passado na vida atual dos povos e dos países da África Ocidental. Isso significa, tanto para Senegal quanto para o resto dos países da região, abrir mão da soberania nacional em favor da integração regional, assim como aceitar a eliminação ou a submissão de Organizações como a UEMOA, ZMAO, OMVS, OMVS, a único órgão regional: a CEDEAO, que a próxima sessão vai analisar.

⁷ O continente foi dividido em África do Norte que agrupa os países do Magreb, África do Oeste, África Central, África do Este e África Austral, onde cada região articula uma integração, e os cinco uma vez consolidadas, se juntam para formar os Estados Unidos da África.

Comunidade Econômica da África Ocidental- CEDEAO

L'unité africaine doit être recherché par tous les moyens et se justifie pour des considerations historique et culturelles, mais aussi et surtout pour des raisons économiques (WDADE, 2005, 166) .

Depois de tratar do Senegal e os desafios da integração, na segunda parte deste trabalho, mostramos que independentemente da personalidade do presidente da república do Senegal, a integração africana ocupou e ocupa sempre uma posição de destaque na política externa do país, e que o pertencimento ou a existência de mais de um órgão de integração constitui um dos motivos de insucesso da união dos países da África ocidental. Assim, a terceira parte deste trabalho tem como objetivo analisar A CEDEAO, partindo do pressuposto de que ela pode e deve ser tomada como o fio condutor da integração regional oeste africano.

A proposição é que se admite a CEDEAO como órgão federal da região e as organizações como a UEMOA, ZMOA, OMVG e OMVS sejam subordinadas como centro da aplicação da política de desenvolvimento ou de funcionamento da Comunidade dos Estados da África Ocidental (CEDEAO). Partimos do pressuposto de que nenhuma dessas organizações pode alcançar os objetivos da integração de forma isolada. Dito de outra forma, uma verdadeira integração regional na África ocidental é possível somente se houver centralização das decisões e coordenação dos programas, e para tanto, a CEDEAO se apresenta como uma boa alternativa. Por isso a opção de apresentar nesta sessão, brevemente, a história, objetivos, estrutura, assim como algumas realizações desta organização, pois entendemos que o fortalecimento da mesma é importante para os países da região em geral e particularmente para o Senegal.

Do ponto de vista histórico, é importante notar que a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) agrupa quinze países da região e nasceu com a ideia lançada inicialmente pelo ex-presidente da Libéria, William Tubman em 1964, ainda que tenha sido concretizada com a iniciativa de Nigéria e do Togo, que levou a assinatura do acordo em Lagos, em 25 de Maio de 1975. Conhecido como acordo de Lagos, ele passa a vigorar a partir de julho do mesmo ano quando foi ratificado pelos países membros que são: Benin, Burkina Faso, Cabo-Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné-Conacri, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Níger, Nigéria, Saara Ocidental, Senegal, Serra Leoa e Togo como consta na figura (5) a seguir:



Fig.5 : O mapa da CEDEAO e seus 15 países membros.

Fonte: Ecowas (2010).

A criação da CEDEAO entra na perspectiva do sonho pan-africanista da década de 1960 e se inscreve na mesma linha que as tentativas frustradas de lutar por uma independência dos países de forma unida, a fim de criar a união dos países africanos socialistas como queria Nkrumah ou constituir a Federação do Mali, proposta por Senghor do Senegal e Keita do Sudão Francês (Wade, 2005). Portanto, a CEDEAO nasceu da combinação de vários esforços de integração iniciada na década de 1960, cuja gênese inclui diversas iniciativas entre as quais podemos citar: (i) o projeto liberiano, que preparou a Organização Interina para a Cooperação Econômica da África Ocidental; (ii) a Conferência para a Coordenação industrial, realizada em Bamako, capital do Mali e patrocinada pela Comissão Econômica para a África e pela Organização para a Agricultura e Alimentação (ECA/FAO-ONU), que tinha como objetivo principal o estabelecimento da indústria siderúrgica da região; (iii) Conferência da Niamei, capital do Níger, igualmente patrocinada pela ECA-ONU, que objetivou aumentar o alcance da integração econômica regional, ampliando a atuação da Comunidade Econômica da África do Oeste (CEAO), organização então atuante nos ex-territórios franceses.

No plano institucional, sabe-se que a integração tanto continental quanto regional depende da constituição de um espaço político continental ou regional. Em relação à África, a unidade africana deve se reforçar e tomar forma sobre as instituições econômicas e políticas, se ela realmente quer influenciar de forma

positiva o futuro do continente. Portanto, no caso da CEDEAO, não pode ser diferente. Por isso, em busca do dinamismo dos projetos, ela se estruturou de forma a distribuir as funções entre diferentes órgãos que são: (a) Conselho dos Chefes de Estados e Governos, (b) Conselhos de Ministros, (c) Parlamento Comunitário, (d) Conselho Econômico e Social, (e) Corte de Justiça da Comunidade, (f) Secretaria Executiva, (g) Fundo para Cooperação, Compensação e Desenvolvimento, (h) Agência Monetária da África Ocidental e, (i) Comissões Técnicas Especializadas (Filho, 2000).

Portanto, a CEDEAO tem uma estrutura que permita ser o centro da integração regional na África Ocidental, no entanto, falta a harmonização das políticas econômicas e monetária da região a fim de criar, por exemplo, uma moeda ou zona monetária única para todos os países do bloco. Nesse ponto específico, entendemos que a criação de duas zonas monetárias (UEMOA e ZMOA), adotadas pelos países da região é inapropriada e somente reforça a divisão dos africanos, favorecendo as políticas das antigas metrópoles⁸, que até na atualidade continuam sendo as únicas beneficiárias do insucesso da integração regional. Essa política segue a lógica da divisão dos africanos pelo colonizador que, na maioria das vezes, alega, para justificar a sua posição, que não havia integração na África nem antes nem durante a colonização. Portanto, essa integração seria – e é – impossível, fato que é discutível, uma vez que sob o domínio do império do Mali, esta mesma região foi uma unidade federal descentralizada. Unidade, aliás, que o colonizador francês buscou conservar, construindo o império da África Ocidental Francês (AOF), que se conservou com a instituição da zona do franco CFA, atualmente conhecido como a União Econômica e Monetária da África do Oeste (UEMOA).

Segundo Wade (2005), a natureza dessa união monetária favorece a manutenção das políticas neocolonialista e imperialista da França e trava todas as possibilidades de criação de moeda nacional ou regional, bem como de uma política monetária, já que isto contradiz as ambições da metrópole, que detém o poder de controle econômico da região por meio do franco. Independentemente

8 A ideia de criação de uma segunda zona monetária na África ocidental, ZMOA, explica-se pelo simples fato de os países da região, que foram colonizados pelos ingleses, não aceitarem aderir ao UEMOA, que usam o Franco CFA como moeda única e agrupa os países da antiga África Ocidental Francesa (AOF), mais a Guiné Bissau. É importante lembrar que tanto a criação de uma moeda única quanto à integração total na região da África ocidental não é de interesse das antigas metrópoles em geral e, principalmente da França, que nunca escondeu a sua oposição à integração das suas antigas colônias da região com as antigas colônias inglesas da região (Nigéria, Serra Leoa, Gana, Gâmbia e Libéria). Assim, viu-se como ela contribuiu para impedir a criação e a consolidação da Federação do Mali em 1959. Outro fato importante a ser lembrado a respeito da Zona franco é que esta moeda continua sendo garantida pela França através das suas instituições financeiras e, apesar da existência do Banco Central da África Ocidental (BCEAO), ainda 40% das divisas desta moeda são depositadas no tesouro francês.

da grande zona de integração regional que é a CEDEAO, os países da região ainda estão subdivididos em outros dois blocos: (i) a União Econômica e Monetária dos Estados da África Ocidental (UEMOA) - formada pelos países francófonos com exceção da Guiné-Bissau e, (ii) Zona Monetária da África de Oeste (ZMAO) formada pelos países da colonização inglesa, com exceção da Guiné-Conacri. Ou seja, os dois subgrupos dentro da CEDEAO representam uma fase preparatória para o estabelecimento de uma moeda única na África Ocidental até 2015, que seria o ponto de partida do sonho africano de ter um mercado único com uma moeda única em 2028.

Portanto, apesar do esforço, do ânimo e da esperança apoiadas pela CEDEAO para a criação dessas duas zonas monetárias - na perspectiva de unir mais tarde as duas para formar uma terceira zona regional -, o processo é mais longo e penoso, além de duvidoso. Tanto a criação dessas duas zonas monetárias, quanto à existência de outras organizações de caráter econômico como, por exemplo, a OMVG e OMVS, político como a francofonia, leva-nos a pensar que os mesmos problemas que conduziram a fragmentação do continente africano em vários países inviáveis econômica, política, social e culturalmente, estão sendo transpostos na questão da integração regional.

Na perspectiva de promover o desenvolvimento regional, os objetivos da CEDEAO são: (a) promover a cooperação e a integração em todos os âmbitos da atividade econômica com o fim de elevar o nível de vida dos seus povos, (b) manter e aumentar a estabilidade econômica, (c) reforçar as relações entre os Estados membros e (d) contribuir para o desenvolvimento do continente africano. O tratado da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) prevê igualmente a harmonização e coordenação de políticas nacionais, a criação de um mercado comum mediante liberalização dos intercâmbios comerciais, estabelecimento de uma tarifa exterior comum e uma política comercial comum, a eliminação dos obstáculos à livre circulação de pessoas, bens e serviços e a criação de uma União Africana (UEMOA, 2006).

No momento da sua criação em 1975, os objetivos da CEDEAO eram basicamente o desenvolvimento econômico, mas ao longo do tempo, os aspectos políticos, a paz e a segurança, [se] converteram-se progressivamente numa prioridade para organização, motivados pelos constantes conflitos civis em alguns países. Em 1990, foi criada a ECOMOG - a força de acompanhamento da paz, uma iniciativa que demonstrava a vontade dos chefes de Estados e Governos de responderem efetivamente à instabilidade regional. Desde então, ECOMOG tem feito intervenções em conflitos como da Libéria, Serra Leoa, Guiné-Bissau, Togo, Costa de Marfim etc.

Considerações finais

Finalizando, podemos observar que a CEDEAO e seus países membros têm o desafio de evitar a fragmentação da região em vários tipos de organizações de caráter micro que defendem interesses individuais ou particulares em vez de lutar para o interesse da região como um todo. Nesse aspecto, os países deverão primeiramente harmonizar as suas políticas externas assim como seus programas de desenvolvimento econômico, político e sociocultural, buscando sempre o bem geral. Para tanto, o desafio de países como o Senegal não é dos menores, pois o ativismo e o engajamento do país em vários organismos regionais são capazes de gerar conflitos de interesses, bem como desperdícios de recursos humanos e financeiros que, como sabemos, é escasso.

Senegal, por exemplo, como afirma Wade (2005), participou ativamente na elaboração e consolidação dos textos que servirão de base para a criação da União Africana, além de ser membro de várias organizações regionais e internacionais. No plano regional, podemos lembrar que Senegal é membro da CEDEAO, da UEMOA (União Econômica e Monetária da África Ocidental), a OMVS (Organização para a Valorização do Rio Senegal), mas também faz parte da União Africana e do NEPAD, em nível continental e no plano internacional, Senegal é membro da Organização mundial do Comércio (OMC), do FMI (Fundo Monetário Internacional), do Banco Mundial (BM), e da Organização da Francofonia.

Essa abertura do Senegal ao resto do mundo é considerada como um valor fundamental da nação e a única saída do subdesenvolvimento dos países africanos, é a união (Wade, 2005), no entanto, como se mostrou ao longo desta reflexão, a forma como essa união está sendo realizada é equivocada, pois, enquanto a CEDEAO agrupa todos os países da região em torno dos mesmos objetivos, valores e estruturas, as outras organizações os desunem, e até travam o bom funcionamento dos mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGENCE NACIONAL DE LA STATISTIQUE E DE LA DEMOGRAPHIE (ANSAD). Situation Economique e Social du Sénégal en 2010, Ministère de l'Économie et des Finance, Dakar- senegal, 2011. Disponível em : www.ansad.sn

DIOP Momar Coumba; DIOU, Mamadou; Leopold Sédar Senghor, Abdou Diouf, Abdoulaye Wade, et après? In. : DIOP Momar Coumba; DIOU, Mamadou; O'BRIEN, Donal Cruise. La construction de l'Éta au Sénégal, Paris, Karthala, 2002 p. 101-141.

DIOP, Momar Coumba. Le Senegal contemporain, Paris, Karthala, 2002.

DIOUF, Abdou. Afrique: **l'intégration régionale face à la mondialisation**. Institut Français de relations internationales, politique étrangères, n. 4, 2006, p. 785-797. Disponível em: <http://www.cairn.info/article.php?>.

Ecowas. Política Industrial Comum da África Ocidental- PICA0, Abuja, 2010.

FAO. Desafios e oportunidades para a agricultura e a segurança alimentar na África, documento de apoio para a discussão no encontro Ministerial Brasil-África, Salvador, 2010.

FILHO Pio P. Integração Econômica no continente africano: ECOWAS e SADC. Cena internacional. **Revista de Análise em Política internacional**, Cidade, v.2, n.2, p. inicial-final, 2000.

União Econômica e Monetária do Oeste Africano (UEMOA). **Rapport semestriel d'exécution de la surveillance Multilaterale**. Union Économique et Monétaire Ouest Africaine, Dakar, 2008.

União Econômica e Monetária do Oeste Africano (UEMOA). **Regional Economic Program (REP) 2006-2010**: Summary Rapport. West African Economic and Monetary Union, 2006.

WADE, Abdoulaye. Qu'est-ce que l'Afrique veut dire au monde ? Dakar, Festival Mundial dos Arte Negras (FESMAN), 2010. Disponível em: www.festivalartnegres.com, consultado em 13/04/2012.

WADE, Abdoulaye. **Un Destin pour l'Afrique**. Paris, Michel Lafon, 2005.

Recebido em abril de 2012
Aprovado em Junho de 2012